A ESCATOLOGIA EDUCACIONAL PROMOVIDA PELO MERCANTILISMO NEOLIBERAL

Renato Nunes Bittencourt [1]

Resumo: O artigo aborda a degradação cultural promovida pela inserção de parâmetros econômicos alheios ao autêntico projeto de promoção da educação em nossa estrutura social. O sistema educacional atual não é mais capaz de emancipar o indivíduo e vivemos uma crise de criação intelectual a partir da ofensiva neoliberal

Palavras-chave: Educação; Capitalismo; Infantilismo; Emancipação; Alienação.

THE ESCHATOLOGY EDUCATIONAL PROMOTED BY NEOLIBERAL MERCANTILISM

Abstract: The article discusses the cultural degradation promoted by inserting economical parameters unrelated to the authentic education promotion project in our social structure. The current education system is no longer able to emancipate the individual and intellectual creation crisis from the neoliberal offensive
Keywords: Education; Capitalism; Infantilism; Emancipation; Alienation.

Introdução

O regime capitalista colonizou todas as áreas da existência humana. Após espoliar o trabalhador até sua exaustão orgânica e inerente desumanização, a ofensiva capitalista estabeleceu a criação da moderna sociedade de consumidores, potencializou os signos da moda, inoculou seus artifícios fetichistas na publicidade, regulou ignobilmente o mercado da saúde, promoveu o crescimento desenfreado da indústria bélica; em suma, o espírito capitalista controlou de forma inapelável todas as instâncias da organização societária moderna. Nessas condições, não é de se estranhar que os ditames capitalistas tenham penetrado violentamente no sistema educacional, impondo os seus parâmetros econômicos nos processos de ensino, pesquisa e formação intelectual do ser humano, dissolvendo todos os valores culturais mais elevados. A relação pedagógica entre professor e aluno se converte em uma relação comercial, na qual o docente se encontra na obrigação satisfazer todos os caprichos de seu cliente; tanto pior, o próprio processo de ensino se torna flexível e cada vez menos exigente intelectualmente e cada vez mais superficial em suas exigências, promovendo assim a massificação da consciência estudantil e sua incompatibilidade com todo esforço de progresso da inteligência, da cultura e da consciência crítica.

Veremos no decorrer destas linhas um quadro de decadência cultural e formulações de críticas contra a disposição comercialista vigente na grande maioria das instituições de ensino brasileiras de fomento privado, visando, acima

[1] Doutor em Filosofia pelo PPGF-UFRJ. Professor da Universidade Cândido Mandes, da UNIABEU e da Faculdade CCAA. Membro do Grupo de Pesquisa Spinoza & Nietzsche. E-mail: renatonunesbittencourt@yahoo.com.br

de tudo, a tomada de consciência em relação a tal condição de degradação do espírito educacional e possíveis transformações qualitativas em nossa sociedade capitalista.

O capitalismo educacional e a fragmentação existencial do professor

O professor submetido aos ditames comerciais do capitalismo tardio é judiado pela figura repugnante do especulador educacional, engomado em seu poder corruptor e adepto das mais silvestres atitudes em prol da conservação dos seus interesses pecuniários; esse homenzinho de cabeça achatada e mente obtusa encontra sua sádica satisfação pessoal através da alienação profissional da classe docente. O maior agravante de tal situação é encontrar na figura do administrador educacional um pequeno tirano subjugado docilmente ao arbítrio comercialista das grandes corporações de ensino; esse sujeito moralmente e economicamente prostituído, por temer perder seu conforto material proporcionado pelo usufruto de seu cargo acadêmico, prefere jamais contrariar aos desejos infantis do alunado que se encontra sob sua supervisão, transferindo então a responsabilidade pelos fracassos educacionais e demais problemas institucionais para os professores que se encontram na obrigação profissional de lecionar para turmas com mais de oitenta pessoas comprimidas em um espaço desconfortável, mal ventilado, absolutamente impróprio para a realização de um ato de ensino satisfatório.

Para que toda essa massa humana de alunos/consumidores/clientes confinada como gado em um estábulo possa ser universalmente satisfeita, o administrador-burocrata da educação exige que o professor utilize microfones e outros recursos técnicos para que sua voz alcance a todos. Assim como existem presídios com superlotação de prisioneiros, assim também instituições de ensino regidas pelo espírito mercantilista primam pela quantidade absurda de estudantes em suas salas de aula para que possam capitalizar o máximo de renda para os seus cofres, sem que necessariamente haja uma justa distribuição desses dividendos com os professores, que produzem riquezas exorbitantes para os especuladores educacionais e receberem em troca uma quantia miserável absolutamente incompatível com seus esforços dispendidos. Para José Contreras,

> A escola começa a se movimentar para oferecer o que atrai a clientela. E a clientela se movimenta em função do que sente como competitivo no mercado social. Assim, enquanto escola e usuários não se sentarem para discutir o que acreditam que deveria ser a prática educativa, ambos estarão fazendo movimentos de ajuste a partir de demandas e necessidades que eles próprios não construíram, porque não atuam enquanto grupo que toma decisões deliberativas e compartilhadas, senão como agentes isolados guiados por interesses individuais, não sociais. Não participam na definição coletiva da educação e de sua vinculação com a sociedade, mas tão somente em processos de escolha e de adequação a partir de decisões dos quais estão excluídos, porque são decisões tomadas pela administração (CONTRERAS, 2012, p. 285-286).

As instituições de ensino que adotam o estilo caça-níqueis proliferam no mercado educacional brasileiro, impondo seu padrão espoliador sobre a práxis pedagógica verdadeiramente comprometida com a emancipação cultural dos

indivíduos. Cabe sempre destacar que existem diversas instituições educacionais de fomento privado que primam pela excelência acadêmica, valorizando a contento a figura do professor e respeitando o estudante como um sujeito autônomo; todavia, conforme os princípios mercadológicos da livre concorrência, as corporações empresariais educacionais que visam o lucro em detrimento do saber se utilizam de diversos subterfúgios para desestabilizar as atividades acadêmicas das genuínas instituições educacionais, como a cooptação de alunos através da promessa de bolsa integral para o aluno-alfa que aceitar realizar transferência e trazer consigo uma turma de colegas para a nova instituição.

Talvez a representação por excelência da transformação do ensino em mercadoria seja uma corporação educacional fazer uma campanha publicitária utilizando como garoto-propaganda de sua campanha de atração de novos alunos uma personalidade famosa como um animador de auditório. Ora, por qual motivo não colocar as imagens dos seus mais destacados alunos nos cartazes espalhados pela cidade ou ainda divulgar no seu site os perfis profissionais (Currículo Lattes) dos seus docentes? Tal procedimento revela uma genuína divulgação da marca institucional, tornando-se digna de apreço. A corporação mercantilista de ensino, por sua vez, somente insere personalidades alheias ao mundo educacional nas suas campanhas publicitárias justamente por seu ideário ser incompatível com o espírito de formação pedagógica. Tal como argumentam Cleon Cerezer e José Outeiral,

> Na atualidade, um novo valor de competência profissional é a habilidade de readaptação rápida aos contextos. A rapidez exigida nesse processo é proporcional ao não questionamento das atitudes necessárias para a manutenção do lucro das empresas, inclusive "as da educação", pois isto cada vez mais também é visto e tratado como mercadoria (CEREZER & OUTEIRAL, 2011, p. 43).

Não existe relação imediata entre mercantilismo e instituição educacional de cunho privado. Obviamente que em uma estrutura econômica regida pela ordem capitalista qualquer iniciativa requer se adequar de algum modo ao sistema financeiro em vigor; todavia, constata-se no avanço do neoliberalismo um violento processo de agregação do sistema de ensino ao poder plutocrático de empresas que fazem da comercialização educacional uma grande fonte de lucro. Corporações capitalistas travestidas de instituições de ensino impõem suas diretrizes na atual conjuntura educacional. É um disparate o fato de que tais empresas educacionais utilizem em suas marcas nomes de grandes pensadores da humanidade, talvez visando escamotear perante a irrefletida sociedade os seus verdadeiros objetivos comerciais. Melhor seria se utilizassem em seus pomposos títulos os nomes dos infames teóricos do neoliberalismo, imortalizados por suas propostas espoliadoras da educação de qualidade e os benefícios sociais cidadãos conquistados paulatinamente através das lutas das classes subalternas contra a ganância dos detentores dos meios de produção. As imperiosas determinações do diretor-burocrata praticante das domingadas pedagógicas representam a transformação do espaço educacional na configuração ideológica do consumo irrestrito, realizando assim os interesses alienados do aluno convertido em cliente-consumidor que exige sempre a plena satisfação da sua vontade. Beatriz Sarlo afirma que

> Quando a administração educacional perde poder e recursos, os grandes ministros da educação são, na verdade, os gerentes e programadores do mercado, cujos valores não incentivam o surgimento de uma sociedade de cidadãos iguais e sim o de uma rede de consumidores fiéis (SARLO, 2005, p. 101-102).

De modo geral, o aluno encontra na estrutura comercialista de ensino um projeto econômico-ideológico que visa atender aos seus imperativos narcísicos desde que cumpra com sua parte junto ao departamento financeiro da instituição na qual está matriculado; caso contrário, sua aura mágica de consumidor é obscurecida pelas trevas que circundam os economicamente inviáveis, tornando-se assim descartável para os mandatários de tal instituição. Para Adorno e Horkheimer,

> Quanto mais a realidade social se afastava da consciência cultivada, tanto mais esta se via submetida a um processo de reificação. A cultura converteu-se totalmente numa mercadoria difundida como uma informação, sem penetrar nos indivíduos dela informados. O pensamento perde o fôlego e limita-se à apreensão do fatual isolado. Rejeitam-se as relações conceituais porque são um esforço incômodo e inútil (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p. 184).

O espírito crítico do Esclarecimento sucumbe perante a infantilização sociocultural legitimada pela conversão da educação em mercadoria acessível para todos que possam pagar por seus benefícios; eis assim a diluição do projeto iluminista e sua proposta de emancipação do homem perante toda forma de dominação externa, tal como apresentada por Kant:

> Esclarecimento [*Aufklärung*] é a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. O homem é o próprio culpado dessa menoridade se a causa dele não se encontra na falta de entendimento, mas na falta de decisão e coragem de servir-se de si mesmo sem a direção de outrem. *Sapere Aude*! Tem coragem de fazer uso de teu próprio entendimento, tal é o lema do esclarecimento [*Aufklärung*]. (KANT, 2005, p.63-64)

Muitos alunos reproduzem o ideário servil no cotidiano educacional ao agradecerem ao professor quando este lhes dá com justiça uma nota elevada; ora, se a nota representa o mérito decorrente do esforço intelectual do aluno, por qual motivo este agradece ao docente? O espírito crítico do Esclarecimento sucumbe perante a infantilização sociocultural legitimada pela conversão da educação em mercadoria acessível para todos que possam pagar por seus benefícios. Christian Laval, ratificando essa crítica, argumenta que "na cultura de mercado, a emancipação pelo conhecimento, velha herança das Luzes, passa como uma ideia obsoleta" (LAVAL, 2004, p. IX). A conversão do aluno em cliente-consumidor-freguês se caracteriza como um processo de manutenção forçada desse indivíduo

nos parâmetros da menoridade existencial, pois as decisões éticas fundamentais de sua vida serão mediadas pelo poder do dinheiro que resolve satisfatoriamente todos os problemas humanos; contudo, inserido em uma dinâmica societária regida pela flexibilidade profissional e pela exigência de doação plena da vitalidade aos desígnios corporativos, o aluno que se constituiu psicologicamente pelos signos da menoridade existencial será incapaz de agir de forma madura e responsável no decorrer da sua atividade laboral, sofrendo radicalmente os efeitos deletérios de um estilo de vida do qual não estava preparado para participar. Nessas condições, o comercialismo educacional engana duplamente o aluno-cliente, primeiro por prometer uma formação acadêmica sólida, o que não acontece de fato, segundo por não prepará-lo adequadamente para o mercado de trabalho, marginalizando academicamente. Com efeito, qualquer processo seletivo que vise contratar o candidato academicamente mais competente certamente escolherá o postulante formado em uma instituição de ensino rigorosa em detrimento do pobre estudante que investiu seu tempo e dinheiro para se "formar" em um curso universitário cujo diploma é tão valioso como o papel-guardanapo de uma lanchonete. Segundo Paula Sibilia,

> Na oferta educacional contemporânea busca-se oferecer um serviço adequado a cada perfil de público, proporcionando-lhe recursos para que cada um possa triunfar nas árduas disputas de mercado. Isso não é para todos, como a lei, mas tem uma distribuição desigual como o dinheiro: todos os consumidores querem ser distintos e únicos, singulares, capazes de competir com os demais para se destacar com suas vantagens diferenciadas, num mundo globalizado no qual impera um capitalismo cada vez mais jovial, embora também feroz (SIBILIA, 2012, p. 132).

Na conjuntura do ensino mercantilista, professores academicamente exigentes são incitados pelos administradores-educacionais a que sejam flexíveis em suas avaliações, tendo-se em vista a manutenção da massa discente nos quadros de pagadores assíduos da instituição de ensino, que funciona assim como uma agência de capitalização econômica. Conforme destaca brilhantemente Paulo Freire, no contexto dessa realidade educacional norteada pelo primado economicista: "O dinheiro é a medida de todas as coisas, e o lucro, seu objeto principal" (FREIRE, 1980, p. 51). O ato de se reprovar um aluno de rendimento pedagógico insatisfatório é para ele um desestímulo, circunstância que pode vir a motivar sua transferência para outra instituição pedagógica menos rigorosa em suas avaliações, ocasionando prejuízo financeiro para a empresa educacional que perdeu um cliente-consumidor. Conforme apontado por Karl Mannheim, "a comercialização miúda do conhecimento em pacotes padronizados paralisa o impulso para questionar e inquirir" (MANNHEIM, 2012, p. 136). Por conseguinte, não raramente ocorre de um professor que faça valer o empenho intelectual sofrer redução da carga horária nos semestres seguintes ou mesmo ser demitido da instituição de ensino na qual ele leciona se porventura persevera na reprovação da massa de alunos que necessitam de maiores aprimoramentos intelectuais. Tal como aponta Jean-François Lyotard,

> O antigo princípio segundo o qual a aquisição do saber é indissociável da formação (*bildung*) do espírito, e mesmo da

> pessoa, cai e cairá cada vez mais em desuso. Esta relação entre fornecedores e usuários do conhecimento e o próprio conhecimento tende e tenderá a assumir a forma que os produtores e os consumidores de mercadorias têm com estas últimas, ou seja, a forma valor. O saber é e será produzido para ser vendido, e ele é e será consumido para ser valorizado numa nova produção: nos dois casos, para ser trocado. Ele deixa de ser para si mesmo seu próprio fim; perde o seu "valor de uso" (LYOTARD, 2002, p. 45).

As instituições que mais proliferam na sociedade capitalista tecnocrática são as seitas protestantes neopentecostais e as corporações educacionais regidas pelo dispositivo plutocrático que estaciona a qualidade do ensino em prol da massificação do consumo de diplomas. O que há em comum entre essas empresas é a lucratividade incondicional perpetrada através da exploração da ignorância popular, promovendo o enriquecimento dos especuladores da fé religiosa e os especuladores educacionais em suas domingadas pedagógicas de comercialização de diplomas. Conforme aponta Néstor Garcia Canclini,

> A educação foi cedendo autonomia ao diminuir a importância da escola pública e laica e crescer o ensino privado que, com frequência, subordina o processo educacional às aptidões de mercado e se preocupa mais em capacitar tecnicamente do que formar para aptidões culturais. Em vez de formar profissionais e pesquisadores para uma sociedade do conhecimento, treina peritos disciplinados (CANCLINI, 2008, p. 23).

O mercantilismo educacional imperante no capitalismo tardio impede a emancipação existencial dos estudantes, cada vez mais coisificados pela crença do poder mágico do dinheiro em resolver todos os seus problemas cotidianos e, por conseguinte, de sua falta de inteligência em ascender academicamente por méritos próprios. Nessas condições, professores intelectualmente exigentes que labutem em instituições de ensino regidas pela lógica comercialista da educação se encontram em continua situação de risco de demissão, pois as benesses capitalistas são incompatíveis com as exigências de uma vida elevada em constante processo de superação pessoal. A qualidade da educação é posta de lado em prol da aceleração da transmissão de conteúdos visando pretensos resultados profissionais favoráveis aos alunos-clientes. Istvan Mészáros elabora uma pertinente indagação:

> Será o conhecimento o elemento necessário para transformar em realidade o ideal da emancipação humana, em conjunto com uma firme determinação e dedicação dos indivíduos para alcançar, de maneira bem-sucedida, a auto-emancipação da humanidade, apesar de todas as adversidades, ou será, pelo contrário, a adoção pelos indivíduos, em particular, de modos de comportamento dos objetivos reificados do capital? (MÉSZÁROS, 2008, p. 47-48).

Um dos problemas fundamentais da pedagogia normativa consiste na criação de uma série de diretrizes a ser aplicadas pelos professores em sua práxis profissional cotidiana, sem que se leve em consideração as determinações

históricas, sociais, políticas, econômicas e mesmo ambientais que perpassam a relação entre os professores e suas turmas. A pedagogia normativa se revela um discurso ideológico que visa estabelecer a dominação intelectual do professor a parâmetros pretensamente educacionais desconectados de qualquer aplicabilidade. Talvez a tipologia predominante do humor do professor do capitalismo tardio é a fleumática, pois ele evita todo tipo de confrontação com a massa de alunos alheios ao espírito educacional e que fazem de seu cotidiano escolar apenas um espaço de sociabilização e de agenciamento de encontros afetivos. Falta ao professor um caráter mais colérico, que lhe permita enfrentar de forma destemida os comportamentos reativos dos estudantes, reflexo imediato da estrutura familiar corrompida pelo poder segregativo do capital e da espetacularização das relações sociais. É imprescindível em tempos de crise educacional a efetivação de uma pedagogia agônica, que valorize o conflito, o choque, a oposição, como instrumentos civilizadores de uma massa estudantil alheia aos paradigmas culturais mais refinados. Muitos professores evitam adotar uma postura combativa em suas atividades profissionais pelo medo da perda do emprego ou pelo desejo de permanecerem em sua zona de conforto existencial. Essa apatia é uma das motivações principais da degradação do papel social do professor na civilização tecnocrática-capitalista, ocasionando um alheamento existencial perante a própria dignidade do ofício de educador em tempos de crise de valores.

Exige-se usualmente dos professores uma docilidade e paciência similar aos dos monges; talvez essa associação ocorra para que o professor acate servilmente todos os imperativos reativos dos seus interlocutores no cenário educacional, aceitando toda ordem de humilhações perpetradas pelos alunos/consumidores mal-educados; quando ocorre algum ato de desagravo estudantil ao docente de uma instituição educacional comerciária, esta não lhe oferece qualquer assistência, pois o aluno-cliente sempre tem a razão, conforme reza a cartilha do mercado. Uma vez que toda estrutura social capitalista é regida pelas mais diversas expressões da violência, é uma absurdidade se determinar ao professor a impassibilidade perante as afrontas recebidas em suas atividades pedagógicas. Adorno apresenta um comentário perspicaz acerca da crise de legitimação da figura do professor na sociedade capitalista: “O professor é o herdeiro do monge; depois que este perde a maior parte das suas funções, o ódio ou a ambiguidade que caracterizam o oficio do monge é transferido para o professor” (ADORNO, 1995, p. 102-103); da mesma forma, os estudantes infantilizados pelo espirito do consumismo são ludibriados com as pretensas facilidades prometidas pela vida universitária das instituições privadas regidas pela lógica plutocrática. Surgem assim vestibulares absurdamente flexíveis onde se faz valer o infame ditame do “pagou, passou”, associada diretamente a um método de ensino deficitário que não prepara efetivamente o alunado para o mercado de trabalho, frustrando assim seu o objetivo comercial principal, além de tampouco promover o desenvolvimento da consciência cidadã. Fernando Savater indaga:

> A educação deve preparar gente apta a competir no mercado de trabalho ou formar homens completos? Deve dar ênfase à autonomia de cada indivíduo, com frequência crítica e dissidente, ou à coesão social? Deve desenvolver a originalidade inovadora ou manter a identidade tradicional do grupo? Atendem à eficácia prática ou apostam no risco criador? Reproduzirá a ordem

> existente ou instruirá os rebeldes que possam derrubá-la? (SAVATER, 2012, p. 17).

O professor é emasculado em suas funções profissionais, circunstância que acarreta inevitavelmente sua descartabilidade laboral, pois quem não é capaz de lutar por seus direitos básicos progressivamente perde sua representatividade existencial. O regime capitalista se configura, nessas condições, como um processo de dissolução de toda capacidade humana de se realizar como pessoa criadora em sua mediação com o mundo circundante. Para Istvan Mészáros,

> Limitar uma mudança educacional às margens corretivas interesseiras do capital significa abandonar de uma só vez, conscientemente ou não, o objetivo de uma transformação social qualitativa. Do mesmo modo, contudo, procurar imagens de reforma sistêmica na própria estrutura do sistema do capitalismo é uma contradição em termos. É por isso que é necessário romper com a lógica do capital se quisermos contemplar a criação de uma alternativa educacional significativamente diferente (MÉSZÁROS, 2008, p. 27).

A educação é um exercício constante contra a barbárie, mas no sistema capitalista a barbárie prevalece sobre todo projeto civilizatório. O malfadado discurso ideológico de "educação para todos" é falseador das relações sociais, pois nem todo indivíduo encontra condições existenciais de participar do processo de formação radical do conhecimento, que exige paciência, capacidade de reflexão, ascese. O fator primordial que deve ser levado em consideração no processo de seleção educacional é aptidão interior de cada indivíduo para ingressar nessa seara tão exigente. O Fundo de Financiamento Estudantil (FIES) despontou no cenário educacional nacional como um projeto de inclusão social de jovens alheados economicamente de maiores aspirações de inserção na vida universitária. Ao invés de promover a emancipação sociocultural do estudante, o FIES evidencia sua lógica assistencialista, o que em verdade caracteriza o mascaramento ideológico que se encontra subjacente nesse mecanismo, a obrigação material do indivíduo utilizador desse recurso trabalhar em empregos precários para quitar sua dívida. Como todo ato assistencialista, permanece assim a relação de heteronomia do estudante para com a economia capitalista: "No assistencialismo não há responsabilidade, não há decisão. Só há gestos que revelam passividade e 'domesticação' do homem. Gestos e palavras" (FREIRE, 2006, p. 66). Muitos estudantes partidários do FIES se encontram na necessidade de, após obterem a formatura, aceitarem os empregos mais precários para que possam adquirir divisas em prol da quitação da dívida com as empresas financiadoras, autênticos mecanismos de agiotagem juridicamente legitimados. Felipe Pena destaca que

> Nenhuma dessas recusava clientes, como eram chamados os alunos. Criar dificuldades para o acesso significava perder dinheiro. Qualquer um passava por provas de múltipla escolha, mesmo que errasse todas as questões. Para esses casos raros, havia uma segunda chance, feita rapidamente, antes que o cliente optasse por um concorrente (PENA, 2011, p. 55).

A permissividade do sistema comercialista de ensino se reflete no comportamento do estudante em sala de aula e no decorrer de sua vida prática, manifestando-se principalmente no seu desinteresse intelectual e no embotamento de sua personalidade egocêntrica, pois esse indivíduo cognitivamente limitado se considera a grande joia da coroa do capitalismo educacional. Com efeito, esse é o perfil do estudante seduzido pela ideologia plutocrática: somente quer saber dos seus benefícios institucionais e nada mais lhe importa desde que não seja afetado em seus interesses tacanhos. Exige-se do professor capacidades histriônicas tendo-se em vista a sedução da consciência dos estudantes, e que os conteúdos pedagógicos sejam transmitidos em revestimentos didáticos agradáveis para um alunado que sofre de um embotamento cognitivo epidêmico mediante a sua vivência cotidiana em uma estrutura social regida pelo despejo incessante de estímulos sensórios intensos. Conforme Beatriz Sarlo destaca,

> As escolas consideradas mais avançadas são aquelas que adulam os governos, e que chegam a tratá-los como clientes. Este viés mercantil "progrê" fica evidente quando se ouve falar, o que é rotineiro, em prover a escola de conteúdos que sejam interessantes para os alunos (SARLO, 2005, p. 107).

Isso nada mais é que a inserção totalitária do espetáculo no cotidiano educacional, fato que se revela axiologicamente incompatível; todavia, os ditames mercantis do capital são capazes de resolver todas as incompatibilidades. Professor não é animador de auditório tampouco um palhaço que sempre deve rir para agradar uma massa estudantil embrutecida pela própria vida lesada da ordem societária capitalista. O professor que aceita espetacularizar o seu discurso educacional contribui para a reificação da consciência estudantil e para a manutenção da menoridade existencial do mesmo. Conforme Guy Debord,

> A consciência espectadora, prisioneira de um universo achatado, limitado pela tela do espetáculo para trás da qual sua própria vida foi deportada, só conhece os interlocutores fictícios que a entretêm unicamente com sua mercadoria e com a política de sua mercadoria (DEBORD, 2006, p.140).

O professor se encontra cada vez mais acuado em suas atividades profissionais, tornando-se uma espécie de servidor incondicional dos desejos imbecilizantes de uma estrutura socioeconômica que reconhece no sistema educacional apenas um veículo para legitimação dos interesses das classes detentoras do poder de consumo de bens materiais e de diplomas que permitam sua inserção facilitada no mercado de trabalho.

Considerações Finais

Nas linhas precedentes apresentamos um quadro aparentemente apocalíptico do sistema de ensino na realidade capitalista de fomento privado; todavia, a situação caótica que impera em nossas relações educacionais pode ser progressivamente corrigida através da conscientização do papel social do professor, cada vez mais alienado em suas atividades pelo fato de se encontrar submetido ao arbítrio dos empresários educacionais que apenas visam o lucro egoísta e não o fornecimento de qualidade de vida para os docentes. Pelo fato de

temer perder seu emprego e sua mínima qualidade de vida, muitos professores da era capitalista-tecnocrática do regime de ensino privado preferem se humilhar ao poder tirânico do mantenedor educacional e do aluno imbecilizado pelo espírito consumista do que se revoltar politicamente contra a monetarização do ensino, através de greves e outros atos coletivos na luta por melhorias nas condições de trabalho, na isonomia das relações profissionais e na obtenção de reconhecimento social pela dignidade da vida de professor, cada vez mais precária. Poder-se-ia indagar a um professor que critique a ideologia mercantil de uma instituição de ensino comercialista e que ouse lecionar na mesma por qual motivo ele continua trabalhando neste espaço capitalista. Uma resposta plausível seria: trata-se de frustrar os interesses econômicos dos estudantes/consumidores/clientes. Em contraponto a toda a ação desmedida do capitalismo educacional, é imprescindível que a crítica social aos efeitos deletérios da ofensiva capitalista lute contra as falcatruas dos especuladores financeiros que estacionam a qualidade educacional de nosso sistema de ensino promovendo uma gama de ações meramente mercantis, concretizando a idade da lama própria das imperiais domingadas pedagógicas e suas barbáries cometidas contra o poder emancipador da educação.

Referências

ADORNO, Theodor. **"Tabus acerca do magistério" In: *Educação e Emancipação*.** Trad. de Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995, p. 97-117.

ADORNO, Theodor & HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Trad. de Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

CANCLINI, Néstor García. **Leitores, espectadores e internautas.** Trad. de Ana Goldberger. São Paulo: Iluminuras, 2008.

CEREZER, Cleon & OUTEIRAL, José. **Autoridade e mal-estar do educador.** São Paulo: Zagodoni, 2011.

CONTRERAS, José. **A autonomia dos professores.** Trad. de Sandra Trabucco Venezuela. São Paulo: Cortez, 2012.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo – Comentários sobre a Sociedade do Espetáculo.** Trad. de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

_____. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

KANT, Immanuel. **"Resposta à pergunta: que é Esclarecimento"? In: Textos Seletos.** Trad. de Raimundo Vier e Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 2005, p. 63-71.

LAVAL, Christian. **A escola não é uma empresa: o neoliberalismo em ataque ao ensino público.** Trad. de Maria Luiza M. de Carvalho e Silva. Londrina: Ed. Planta, 2004.

LYOTARD, Jean-François. **A Condição Pós-Moderna.** Trad. de Ricardo Corrêa Barbosa. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

MANNHEIM, Karl. **Sociologia da Cultura.** Trad. de Roberto Gambini. São Paulo: Perspectiva, 2012.

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do Capital.** Trad. De Isa Tavares. São Paulo: Boitempo, 2008.

PENA, Felipe. **Fábrica de Diplomas.** Rio de Janeiro: Record, 2011.

SARLO, Beatriz. **Tempo Presente: notas sobre a mudança de uma cultura**. Trad. de Luís Carlos Cabral. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

SAVATER, Fernando. **O Valor de Educar.** Trad. de Monica Stahel. São Paulo: Planeta, 2012.

SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão.** Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.